

## TRADUÇÃO: BOÉCIO

BRÉHIER, É. “Boèce”. In: *La philosophie du Moyen Âge*. 2ª ed. Paris: Albin Michel, 1949, pp. 8-15

Gionatan Carlos PACHECO

Doutorando em Filosofia do Programa de Pós-graduação  
em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: [gionatan23@gmail.com](mailto:gionatan23@gmail.com)

### 1. Boécio

A Idade Média, no Ocidente, teve por condição obras como as de Marciano Capela, que não pertencem à Idade Média propriamente dita, mas que, herdeiras diretas do pensamento filosófico grego e latino, constituem como que reservas onde virão se aprovisionar, na medida em que se fazem capazes, os homens que buscam manter a cultura. Entre elas e em primeiro plano está a obra de Boécio, ao mesmo tempo lógica, teológica e moral.

Anicius Manlius Severinus Boetius, um romano de família ilustre, nascido em 480, foi cônsul em 510 e teve de início a total confiança de Teodorico. Acusado de conspiração e de magia, foi executado em 525. É preciso ver, na obra de Boécio, muito mais do que uma continuação, um renascimento dos estudos filosóficos no Ocidente. Renascimento do qual, porém, o pensamento ocidental não colheu senão poucos frutos imediatos. De início, por causa da interrupção trágica da carreira de Boécio, que não teve tempo de realizar todos os seus projetos. Depois, por causa das guerras que, em meados do século VI, pôs fim a toda a civilização na Itália.

Mas, mesmo em sua época, Boécio estava em condições excepcionalmente favoráveis. Ele recebeu a cultura grega mais completa que então se podia ter, na escola de Atenas — sem dúvida sob a direção de Isidoro, que, depois de Marino, o sucessor de Proclo, foi diádoco —, onde, no início do século VI século, ensinava-se a ler e a comentar Platão e Aristóteles, talvez também Epiteto<sup>1</sup>, e onde também se aprendia as quatro ciências elementares, aritmética, geometria, astronomia, música, indispensáveis à leitura de Platão.

Boécio certamente sonhava em transmitir aos latinos toda essa cultura na forma em que ela aparecia aos últimos alunos da escola de Atenas: sua meta era mostrar a concordância doutrinal entre

---

<sup>1</sup> Simplício, o grande comentarista de Aristóteles, que Boécio talvez tenha conhecido em Atenas, é o autor de um comentário do *Manual* de Epiteto.

Platão e Aristóteles, por meio de comentários meticulosos de cada uma de suas obras, seguindo o texto frase a frase, reproduzindo e discutindo as opiniões dos comentadores precedentes<sup>2</sup>. Começando por Aristóteles, que tratava sobretudo do mundo material e sensível, para finalizar por Platão, que conduzia às mais altas realidades inteligíveis. “Aristóteles, escrevia Simplício, vai, pelas coisas físicas, rumo àquelas que estão acima da natureza; ele considera essas em sua relação com aquelas, enquanto Platão considera as coisas naturais na medida em que elas participam das que estão acima da natureza”. Além disso, avança-se nas obras, das mais fáceis às mais difíceis, começando pelas obras lógicas de Aristóteles e finalizando pelo *Parmênides* de Platão. Fazendo preceder o estudo do *Organon* daquela *Introdução* de Porfírio, para continuar pelas *Categorias*, o tratado *Da Interpretação*, os *Tópicos*, os *Primeiros* e *Segundos Analíticos*, as *Refutações sofísticas*: tarefa tão pesada que seguidamente devia permanecer no início. É preciso acrescentar que se escreve dois tipos de comentários, um mais simples para os iniciantes, o outro mais complicado.

Boécio anuncia formalmente<sup>3</sup> sua intenção de seguir esse plano, traduzindo todo Aristóteles, todo Platão e mostrando a concordância de suas doutrinas. De fato, ele não foi além do *Organon*: ele começou pela tradução latina, feita por Mário Victorino, do *Isagoge* de Porfírio, e ele explicou e criticou esta tradução. Depois, ele mesmo traduziu e comentou o *Isagoge*. De cada um dos dois tratados, das *Categorias* e *Da Interpretação*, ele fez um comentário duplo, um para o iniciante, outro mais longo (o comentário longo das *Categorias* está perdido). Enfim, ele traduziu os *Analíticos*, os *Tópicos* e as *Refutações sofísticas* (essas traduções estão perdidas), e ele escreveu os tratados *Sobre os silogismos hipotéticos*, *Sobre os silogismos categóricos*, *Sobre a divisão*, *Sobre a definição*, *Sobre as diferenças tópicas*, com um comentário dos *Tópicos* de Cícero.

Boécio mostra pouca originalidade em seus comentários. Ele se serve bastante de Mário Victorino e Porfírio, de quem seu primeiro comentário das *Categorias* é quase todo emprestado<sup>4</sup>. Ele se preocupa muito pouco em chegar a uma interpretação coerente da obra, e quer sobretudo dar a conhecer as opiniões diversas. Assim, no início do comentário breve, ele anuncia que se propõe a escrever para os estudiosos (*savants*) outro comentário, no qual exporá uma opinião diferente de sua opinião atual (que é a de Porfírio) sobre o objetivo, a utilidade e a ordem do tratado.

Os tratados de Boécio, com o tratado *Da Interpretação* de Apuleio e o livro de Marciano Capela, foram, até o século XII, a fonte, no Ocidente, do conhecimento da lógica grega: tanto quanto a Idade Média os poderia receber, pois, escreve Van de Vyver, e esta é uma observação de alcance muito geral, “temos negligenciado constatar que as obras latinas herdadas pela Alta Idade Média não foram senão

<sup>2</sup> Simplício, por exemplo, utiliza doze comentários das *Categorias*.

<sup>3</sup> *De Interpretatione*.

<sup>4</sup> J. BIDEZ, XXXVI, pp. 189-201.

lentamente recolocadas em circulação, segundo suas progressivas aptidões para compreendê-las”<sup>5</sup>. Os tratados lógicos de Boécio foram, de fato, por muito tempo abandonados.

Os opúsculos teológicos de Boécio estão estreitamente ligados à sua obra lógica. Ele se pergunta, por exemplo, se as categorias se aplicam a Deus, se se pode dizer dele, no mesmo sentido que das coisas sensíveis, que ele é uma substância e que tem atributos<sup>6</sup>, em qual categoria devem entrar as três Pessoas. É por pesquisas desse gênero que ele pretende “juntar a fé e a razão”, ou seja, em suma, descobrir o estatuto lógico das proposições que a fé nos ensina sobre Deus<sup>7</sup>.

As numerosas obras que os antigos moralistas escreveram sob o nome de *Consolações* se dirigem aos familiares de um falecido e destinam-se a aliviar a dor do luto recente. A *Consolação da Filosofia* de Boécio é muito diferente: jogado na prisão, à espera da morte, passado do pináculo das honras à extrema miséria, Boécio busca demonstrar a si mesmo que a mudança da fortuna não alcança a verdadeira felicidade. Este é um tema familiar na diatribe greco-romana, e é de fato a este gênero literário que pertence a obra de Boécio. Vê-se ali a Filosofia personificada usar, como médica das almas, as reprimendas familiares à diatribe, lembrando, como ela, o exemplo dos antigos filósofos<sup>8</sup>. Encontra-se aí essa alternância de verso e prosa, cujo modelo está nas sátiras de Varrão, elas próprias parentes muito próximas da diatribe do cínico Menipo<sup>9</sup>. O estilo, brilhante e colorido, é também o desses discursos morais, tão diferentes tanto do tratado moral quanto do sermão.

Contudo, com a teodiceia complexa que faz seu fundo, a *Consolação* extrapola muito o tema das diatribes: é porque é preciso distinguir duas partes, os dois primeiros livros e os três últimos. Essa distinção corresponde aos preceitos de direção moral dados pelo estoicismo: na terapêutica das paixões, Crisipo aconselha não empreender a cura no auge da paixão, mas esperar até que ela se acalme. Conformando-se a esta regra, a *Philosophia*, diante da dor e do pesar de Boécio, inicialmente adia o remédio eficaz: “Como ainda não é tempo de usar os remédios mais fortes e que, naturalmente, o espírito, rejeitando as opiniões verdadeiras, acolhe os erros, de onde nasce a obscuridade das paixões que obscurece a inteligência, tentarei diminuir essa obscuridade pouco a pouco, para que, dissipada a escuridão das paixões enganosas, tu possas conhecer o brilho da verdadeira luz”<sup>10</sup>.

Nesta cura em duas etapas, o Livro II contém os temas ordinários da diatribe que são os

<sup>5</sup> *Les Étapes du développement philosophique du Haut Moyen Âge (Revue belge de philologie et d'histoire, t. VIII, 1929, p. 426)*. Não é senão no século X que começamos a utilizar, e de forma muito incompleta, as obras de Boécio.

<sup>6</sup> Cf. *De Unitate Trinitatis*, ch. IV ; P. L., t. LXIV, 1252-b. Compare PLOTIN, *Ennéade* VI, 1, 2.

<sup>7</sup> *Ibidem.*, fim.

<sup>8</sup> Livro I, cap. III.

<sup>9</sup> Cf. A. OLTRAMARE, XL, pp. 97-110, e KLINGNER, XXXVIII.

<sup>10</sup> Livro I, cap. VI.

“remédios menos fortes”, isto é, as razões para se resignar à Fortuna.

Agora, vêm os “remédios mais violentos”. *Philosophia*, que toma a palavra, pretende conduzir à verdadeira felicidade<sup>11</sup> fazendo a alma reencontrar sua pátria perdida<sup>12</sup>. O que ela oferece é um caminho para Deus. O Livro II continha uma apologia à Fortuna por si só. Agora será demonstrado (esta é a conclusão do livro IV) que não há fortuna alguma, mas, em toda parte, a universal Providência. A alma, portanto, não deve se fechar em si mesma para escapar dos golpes do destino, mas para ter, em todo caso, confiança em Deus.

O ideal filosófico de Boécio é o ideal filosófico do verdadeiro bem que torna o homem independente, dando-lhe o verdadeiro poder, a verdadeira glória e aí a verdadeira alegria. Segundo ele, a própria aspiração a esse Bem demonstra que ele existe. Pois “tudo o que é chamado imperfeito existe apenas pela diminuição do perfeito”<sup>13</sup>. Assim se coloca Deus, o Soberano Bem, o Uno ao qual aspiram todos os seres. Os abençoados que alcançaram seu fim pela virtude têm por recompensa “tornarem-se deuses”.

Vãmente se oporão à existência de uma providência soberana e perfeita a existência do mal. Boécio responde com toda a teodiceia estoica<sup>14</sup>: o mal físico tem um papel providencial: ele prova os bons e corrige os maus. O mal se torna bem quando se sabe usá-lo como é preciso. Mas para conciliar essa Providência ou Presciência universal com a liberdade humana, ele usa antes argumentos platônicos: a dificuldade do problema da liberdade nasce do fato de que concebemos o conhecimento divino sobre o modelo do conhecimento humano. Mas, “elevemo-nos, se pudermos, ao ápice da Inteligência suprema; a razão ali verá o que não pode ver nela, a saber, de que maneira há, nesta Inteligência, um conhecimento certo e definido das coisas que não tem um resultado certo, não uma opinião, mas a simplicidade de uma ciência suprema que é não confinada dentro de quaisquer limites”<sup>15</sup>. Tudo é presente a Deus com uma presença intemporal. Assim são levantados os últimos obstáculos que se opunham à universalidade da Providência divina.

A *Consolação da Filosofia* não apresenta nenhuma discordância positiva com o cristianismo<sup>16</sup>, mas na verdade não desenvolve senão temas estoico-platônicos. É sem dúvida surpreendente para nós ver este cristão, no momento de morrer, buscar consolações na filosofia e não em sua fé. Pois, mais do que

<sup>11</sup> Liv. III, cap. I, l. 14, editar. Gothein

<sup>12</sup> Liv. III, cap. XII, l. 23; IV, cap. I, l. 30; V, cap. I, l. 7.

<sup>13</sup> Livro III, cap. X, começo.

<sup>14</sup> Embora, ao contrário do estoicismo e como Proclus (*De Providentia Opera inedita*, ed. Cousin, 1864, p. 157, l. 34), ele subordina o destino à Providência.

<sup>15</sup> Livro V, cap. VI, l. 41-46.

<sup>16</sup> Com exceção da negação do início do mundo no tempo (V, 6, l. 25).

a relação pessoal da alma com Deus no Juízo, ele pensa nessa natureza eterna que, a cada momento do tempo, assegura sua verdadeira felicidade. É preciso dizer que a *Consolação* é uma obra convencional, que não expressa seu último pensamento, e que Boécio apenas segue um costume<sup>17</sup>? É mais provável que esse aluno da escola neoplatônica de Atenas tenha encontrado aqui uma direção moral que não vemos que ele encontrou ou mesmo buscou no cristianismo, se julgarmos pelo caráter puramente formal de seus escritos teológicos<sup>18</sup>. De qualquer forma, a *Consolação*, lida e imitada sobretudo a partir do século XI, deu a conhecer ao Ocidente todo um aspecto do pensamento antigo.

O racionalismo humanista dos Antigos persiste ademais em uma moralidade que, se não está em desacordo com a crença cristã, é independente de sua inspiração.

Essa moral é ensinada nos claustros espanhóis, um dos últimos refúgios da cultura no século VI. Martinho, fundador do mosteiro de Dume e bispo de Braga em 561, após a conversão ao catolicismo do rei ariano Teodomiro, é o autor de um número bastante grande de tratados morais inspirados em Cícero e Sêneca. Encontram-se com ele os dois tipos de obras morais que se reencontram ao longo da Idade Média: de um lado, o tratado das Virtudes, inspirado no *De Officiis* de Cícero e o de Santo Ambrósio; por outro lado, uma coleção de *Sentenças*, mais ou menos inspiradas, na forma e no fundo, pelas *Sentenças* de Sexto, o Pitagórico, traduzido para o latim por Rufino. Ao primeiro tipo pertence a *Formula vitae honestae*, que trata sucessivamente da prudência, da magnanimidade, da continência e da justiça: este é o objeto do *De Officiis* de Cícero no Livro I até o Capítulo XXVI. É fácil encontrar suas fórmulas, por exemplo, no capítulo sobre justiça<sup>19</sup>; a obra termina, como o livro de Cícero a partir do capítulo XXVII, com o estudo da “medida” característica das diversas virtudes. Ele dá ali as definições aristotélicas das virtudes como meios-termos, mas aplicando-as não apenas, como Aristóteles, às virtudes ditas morais (a coragem meio-termo entre a timidez e a audácia, a continência meio-termo entre o luxo e a avareza), mas a virtudes como a prudência (meio-termo entre a estupidez e a sutileza) ou a justiça (meio-termo entre a indulgência e a dureza) que, em Aristóteles, não admitem semelhantes definições.

Ao segundo tipo, o das *Sentenças*, pertence o *De moribus*, uma coleção de aforismos, alguns dos quais no tom pessimista dos cínicos: “*Quid homini est inimicissimum? Homo [O que é o maior inimigo do homem? O homem]. Patria tua est ubicumque bene es. [Sua pátria é onde você estiver]*”. Um pequeno tratado de Martinho

<sup>17</sup> Cf. R. CARTON, XXXVII.

<sup>18</sup> Como aponta R. BONNAUD (*L'Éducation scientifique de Boèce, Speculum*, vol. IV, 1929, p. 201), Boécio escreveu seus tratados apenas sobre os assuntos do dogma católico intimamente relacionados ao neoplatonismo.

<sup>19</sup> Correspondem a *De Officiis*, I, cap. VII: *omnibus prodesse, nulli nocere nocentes prohibere* [beneficiar a todos, não prejudicar ninguém].

de Braga, que se encontra nas obras de Hildeberto de Lavardin<sup>20</sup>, o *De Remediis fortuitis liber*, contém aforismos de tom estoíco apresentados na forma de um diálogo entre o Sentido e a Razão. “Você morrerá, disse o Sentido. É a natureza do homem, e não um castigo, responde a Razão; não entrei senão com a condição de sair”. Ele então cita Juvenal e Lucano.

Assim como São Nilo conserva Epiteto no Oriente, Martinho de Braga no Ocidente conserva algo daquela sabedoria que, ao fim da antiguidade pagã, exprime-se em frases e se condensa nos versos dos poetas latinos.



PACHECO, Gionatan Carlos. TRADUÇÃO: BOÉCIO. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23043, p. 01-06.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023

---

<sup>20</sup> VI, t. CLXI, 1028-1031.